

Diálogos inspiradores, indisciplinados, insubmissos: lições a partir de Paulo Freire

Ivan Fortunato¹

Resumo: Este artigo é um ensaio que emerge de reflexões e inflexões cotidianas, vividas como professor formador de professores em cursos de licenciatura e de formação pedagógica para graduados. Trata-se de escrito que busca homenagear e demonstrar gratidão a Paulo Freire por lições fundantes ao trabalho de formar professores com alegria, resistência e esperança. Daí, são trazidas as três categorias já discriminadas no título (inspiração, indisciplinada, insubmissão) com aporte em Freire.

Palavras-chave: Educação; Paulo Freire; Resistência; Esperança; Alegria.

Inspiring, undisciplined, unsubmitive dialogues: lessons from Paulo Freire

Abstract: This paper is an essay that emerges from everyday reflections and inflections, experienced as a teacher's teacher in undergraduate and pedagogical training courses. It is a writing that seeks to honor and show gratitude to Paulo Freire for lessons that were fundamental to the work of training teachers with joy, resistance and hope. Hence, the three categories already listed in the title (inspiration, indiscipline, insubmission) are brought with contribution to Freire.

Keywords: Education; Paulo Freire; Resistance; Hope; Happiness.

Começando...

Não digo isso para criticar a nomeação póstuma desse personagem como “patrono da educação nacional”. Ao contrário: aprovo e aplaudo calorosamente a medida. Ninguém melhor que Paulo Freire pode representar o espírito da educação petista, que deu aos nossos estudantes os últimos lugares nos testes internacionais, tirou nossas universidades da lista das melhores do mundo e reduziu para um tiquinho de nada o número de citações de trabalhos acadêmicos brasileiros em revistas científicas internacionais (CARVALHO, 2013, p. 353).

Este ensaio é mais um texto sobre Paulo Freire. Escrever sobre esse autor traz o risco de redundância, afinal, como demonstrou Green (2016), o livro *Pedagogia do Oprimido* é o terceiro mais citado no Google Acadêmico, com mais de 72 mil menções em pesquisas nas áreas de humanidades. Não obstante, entendo que esse é um risco que vale a pena correr, pois, como amiúde digo nas aulas: voltar a Paulo Freire é sempre fundamental à docência.

Por isso, para começar este artigo, é preciso contradizer as tagarelices e falácias registradas por Olavo de

¹ Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias e Doutor em Geografia, ambos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro. Professor em regime de dedicação exclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus Itapetininga.

Carvalho na epígrafe. Com um único parágrafo, é possível anotar quatro enganos a respeito do patrono da educação nacional. Vejamos:

1. Paulo Freire não representa educação partidária alguma, pois trata de uma educação dialógica, crítica e de respeito;
2. Método Paulo Freire não é o responsável pelos últimos lugares nas avaliações internacionais, pelo contrário, pois essas avaliações medem os resultados do ensino conteudista, repetitivo e de memorização ao qual Freire nomeou de educação bancária, e sempre foi contra;
3. Paulo Freire não tirou o Brasil da lista de melhores universidades do mundo, uma vez que essa ideia de ranquear as universidades começou em 2003, anos depois do falecimento do educador, quando “[...] uma equipe de pesquisadores da Shanghai Jiao Tong University se propôs a averiguar o quão distante as universidades chinesas estavam das universidades de *classe mundial*” (SANTOS; NORONHA, 2016, p. 187);
4. Paulo Freire é um dos autores mais citados na plataforma Google Acadêmico, além de ter sido agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa* por dezenas de universidades, incluindo instituições da Europa, Estados Unidos, América Central e do Sul, potencialmente contrariando essa afirmação de que as menções às pesquisas e pesquisadores brasileiros tenha reduzido drasticamente por influência de Freire.

Tendo demonstrado que o sarcasmo contido na citação que abre este artigo é apenas emulação, com o propósito de desvalorizar toda uma vida de dedicação à educação, podemos retomar o percurso da escrita.

Sou professor formador de professores, atuando na Coordenadoria de Formação Pedagógica do Instituto Federal de São Paulo, na cidade de Itapetininga, desde 2014. Desde então, tenho tido a responsabilidade de ministrar disciplinas da área da Educação para licenciandos em Física e Matemática, bem como para bacharéis e tecnólogos que frequentam o curso de Formação Pedagógica para Graduados. Experiências vividas no cotidiano desse ofício, por mais de oito anos, são as principais molas propulsoras para escrever este ensaio que tem como objetivos principais apresentar elementos que demonstrem a relevância da obra de Paulo Freire para formar professores com *alegria, resistência e esperança*.

Para que esses objetivos sejam alcançados, são partilhadas lições tomadas de Paulo Freire: reflexões e, principalmente, inflexões a respeito de várias situações vividas no ofício de professor formador que me levaram a pensar que o trabalho educativo deve ser desenvolvido com *alegria* (em oposição à opressão que apenas traz ansiedade, angústia e insatisfação com o processo de ensinar e de aprender), *resistência* (ao *status quo* neoliberal) e *esperança* (em um outro projeto de humanidade, redundantemente mais humano).

Aqui não se pretende esgotar as contribuições do patrono da educação ao meu trabalho de professor formador. Pelo contrário: cada nova lição gera outros questionamentos que promovem novas reflexões e mais profundas inflexões. Aqui, com o propósito já registrado de homenagear e agradecer, foram sistematizadas em categorias de análise, de forma que pudesse ressaltar lições aprendidas com Paulo Freire. A primeira é da *inspiração*, donde eu saquei que ensinar é, primeiro, uma ação política e não de conhecimento. A segunda é a da *indisciplina*, contrariando a proposta bancária de educação. A terceira e última lição cá arrolada é a da *insubmissão*, tomando a educação como resistência ao *status quo*, não querendo assentir com o projeto neoliberal de humanidade.

Ao final, fica o desejo de, novamente, honrar o educador pernambucano, brasileiro, humano Paulo Freire. Quem sabe, aos poucos, todos vamos percebendo que, de fato, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 44).

Inspiração

Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. No fundo, passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar. Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios (FREIRE, 1996, p. 43).

Esta lição aprendida com Paulo Freire, que se chama *inspiração*, tem a ver com isso que *passa despercebido*, que é tratado com *descaso* no dia a dia da educação escolar. Tudo o que não aborda conteúdos curriculares é tomado como perda de tempo ou futilidade, ou mesmo inutilidade, portanto, indispensável. Penso, com Paulo Freire, o contrário: tudo o que nos distancia da vida é indispensável. Estamos falando da vida no sentido de vida vivida, de alegria e tristeza, de desafios e conquistas, ou seja, das emoções e dos sentimentos de ser humano.

Não obstante, para se batalhar a favor das situações tomadas como descaso, é fundamental tentar compreender possíveis motivações para tal desprezo por tudo aquilo que não é transferência de saberes. Muitas coisas da vida são como uma árvore, ou seja, se mantém em pé, às vezes até sem vida, porque suas raízes são profundas, deveras ramificadas e agarradas ao solo. Ao que parece, a educação escolar tornou-se uma dessas árvores seculares, sem vida, mas que se prosta imponente graças às suas raízes. É, portanto, inútil tentar a poda ou a adubação, pois já está morta.

Eis, então, uma hipótese para que se siga com uma educação escolar já falecida, tomada da epígrafe: existe grande diferença entre duas ações que, no uso corriqueiro e, às vezes, até no uso técnico, se confundem como sinônimos: ensinar e educar. Não são. No entanto, há uma obstinação em tomar a educação como ensino, fazendo acreditar que se não houver a transmissão de conteúdos curriculares, não se está educando. Isso se torna evidente quando se compreende que a medida da *qualidade* de escolas são os resultados obtidos em exames externos que, geralmente, querem saber o quanto que os estudantes sabem de matemática, além de ler, escrever e interpretar o próprio idioma.

Não obstante, posso dizer que leva tempo para se perceber tal diferença, sendo que, muitas vezes, pessoas passam anos no ofício docente sem entender que, de fato, ser professor é ir além de ensinar. Já escrevi sobre isso anos atrás, quando anotei que ser professor é uma profissão que requer formação específica e que o trabalho não pode se confundir apenas com o de ensinar (FORTUNATO, 2018). Justamente essa confusão que faz com que todo mundo que ensine algo, mesmo que esporadicamente como bico, seja referido como professor ou professora.

Pode ser, então, que essa mesma confusão faça com que tudo o que não envolva a transmissão de conteúdos se torne algo menosprezado no cotidiano escolar. Do meu ponto de vista, porém, isso não deveria ser assim. No nosso país, por exemplo, está na Constituição Federal, art. 205, que a Educação visa “ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Daí as dúvidas: Qual a correlação entre transmitir conteúdos curriculares e o “pleno desenvolvimento da pessoa”? Como é que a obstinação em *passar matéria* prepara os educandos para exercerem a cidadania? De que modo a insistência em um currículo propedêutico, disciplinar e estritamente voltado aos exames externos qualificam as pessoas para o trabalho?

Ao tentar responder tais questionamentos, fui tomando conta de que as coisas que norteiam a educação formal não condizem com seus objetivos primordiais. Pelo contrário, como atestou Paul Goodman (1964), as escolas não oferecem evidências concretas de que preparam os educandos para a vida fora do lado de fora de seus muros, não se tornam lugar efetivo de transformação da desigualdade social, não trabalham com pesquisa etc. Isso porque, segundo o autor, enquanto não houver dúvidas de que a escola serve à educação e não encontrar oposição ao seu modo de trabalho, seguirá com sua secular tendência de transmitir saberes que servem apenas aos seus

próprios exames. Assim afirmou categoricamente: “quanto mais escolarização tivermos, menos educação teremos” (GOODMAN, 1964).

A *inspiração* como lição vem justamente dos questionamentos ao que se chama de educação escolar e toda sua formalidade viciosa de conteúdos curriculares para exames e resultados dos exames para louvar ou rever as formas de transmissão desses conteúdos. Qualquer coisa que fuja a essa regra deve ser menosprezada, como falar das coisas que se sente, de curiosidades prosaicas, das experiências das ruas, das praças, do recreio... enfim, da vida em si que, muitas vezes, pouco tem a ver com o que se precisa ensinar e aprender dentro das salas de aulas da educação formal.

Com Paulo Freire tenho conseguido compreender que meu trabalho de professor formador de professores é o de agir naquilo que é tratado amiúde com descaso, com negligência, com olhares de soslaio: a alegria de viver, de se (auto)conhecer, de descobrir a beleza do cotidiano... Da minha parte, o que trato com pouco-caso é o currículo formal, pois este, construído individual ou coletivamente, é sempre elaborado de forma distante do cotidiano dos estudantes com quem tenho tido a honra de poder lecionar. Nos últimos anos (exceto nos lamentáveis semestres de mundo remoto de pandemia de covid-19²) temos construído nossos próprios currículos, em conjunto.

Indisciplina

[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente (FREIRE, 1987, p. 44).

Esta outra lição aprendida com Paulo Freire foi qualificada como *indisciplina*, tomando o nome a partir de um elemento corriqueiro nas escolas que se configura “como uma das queixas predominantes dos profissionais da educação” (AQUINO, 2016, p. 668). E realmente é quase uníssona essa reclamação, vinda de colegas professores e outros profissionais da educação, de que estudantes têm mau comportamento: não prestam atenção às aulas, conversam muito, brincam muito, não demonstram respeito ao professorado, enfim, não respeitam às regras da escola.

Basicamente, quando estudantes fazem diferente do que é esperado, ou seja, sentar, calar, ouvir, copiar, anotar, reproduzir... são tomados como *indisciplinados*. Estudantes devem ser, como lemos na epígrafe, pacientes; aliás, *meros* pacientes. Devem aguardar com calma e serenidade que seus professores lhes depositem os saberes necessários ao futuro. Se não aguardam, são *indisciplinados*. Se aguardam, mas com certo barulho e agitação, são *indisciplinados*. Se aguardam, mas falham na missão de corresponder às expectativas nas (supostas) avaliações, são *indisciplinados*. Se não aguardam, mas respondem com sucesso aos exames, são *indisciplinados*. Nesse modelo, a única maneira de não receber tal alcunha de bagunceiro ou rebelde é a de assentir com o modelo vicioso que não sabe operar de outra forma.

Dá até para parafrasear a canção *É fim do mês*, de Raul Seixas, na qual ele canta que acreditou naquele velho papo que nos ensina a viver alegremente, acomodado e conformado de fazer tudo calado, sem jamais se aborrecer. Daí o estribilho: ele só quer, só pensa em se adaptar; seu dever é se adaptar. Quando não se cumpre seu dever, torna-se *indisciplinado*... e a *culpa* é dele e somente dele, do próprio estudante, no caso. Na escola, dizem, a culpa também seria da família, que não deu *educação* em casa.

Tudo isso quer dizer que, se o modelo mais tradicional ou clássico (arcaico, penso eu) de educação escolar produz estudantes *indisciplinados*, o problema não é do modelo: é da própria pessoa que, na condição de estudante, não se adapta ao seu papel atribuído ou da própria família que falha ao educar... Mas, também se atribui culpa ao professorado que não sabe impor sua autoridade dentro da sala de aula,

2 Escrevi sobre esse período da história enquanto estávamos vivendo-o, registrando as falsas premissas sobre o trabalho docente e as esperanças de um mundo renovado após a vitória sobre o vírus da covid-19 (FORTUNATO, 2021).

controlando as crianças, os jovens (e até mesmo adultos), disciplinando-os ao molde esperado para que tudo funcione como deve ser: o depósito dos envelopes com os saberes fundamentais (sabe-se lá para que ou para quem) deve ser realizado em uma sala em completo silêncio para que, em algum momento posterior, os estudantes demonstrem ter recebido com sucesso tal depósito, escrevendo tais saberes em uma folha de papel.

No entanto, a educação libertadora, tão bem argumentada e defendida por Paulo Freire (a exemplo do que lemos na epígrafe), é uma educação indisciplinada. A educação que liberta as pessoas de assentirem com o *status quo* não é, e nem pode ser, a educação bancária e disciplinada. Não se aprende a complexidade da vida pela via da transmissão de envelopes de saberes, mesmo que, de alguma forma, tais saberes se conectem diretamente com o cotidiano vivido.

Faz-se necessário, então, compreender que quem aprende e, por consequência, quem ensina, se encontram em uma sala de aula, que pertence a uma escola, que faz parte de um sistema educacional que, de alguma forma, se conforma às expectativas da sociedade que a sustenta. Se a escola segue a tradição bancária, é porque a sociedade assim a disciplina.

Por isso, a educação que liberta e que transforma não pode ser uma educação que transmite para reprodução, pois essa exige apenas memorização ou apenas atenção ao que é exigido. A educação libertadora é, nas palavras de Freire, um ato cognoscente, isto é, uma ação política, crítica, que busca sempre (re) construir o conhecimento. Não se faz com depósito de envelopes de saberes, com as regras estanques desde sempre, com o sistema de métricas que servem apenas para mensurar o quanto esses envelopes de saberes têm sido efetivamente depositados nos educandos.

É por isso que é preciso ser indisciplinado como docente, tal qual os estudantes de que tanto se queixa. Afinal, se os estudantes se indisciplinam contra o modelo de educação bancária, demonstrando seu descontentamento por meio de algazarras, rebeldias, afrontamentos, fazendo nada etc. talvez seja indisciplinadamente que a docência também pode revelar sua resistência à educação bancária. Pelo menos assim tem sido o meu trabalho como docente formador: indisciplinado, voltado mais ao cotidiano, aos estudantes, do que às ementas curriculares que chegam até mim na forma dos maus e velhos envelopes de saberes a serem depositados nos estudantes.

Aliás, uma meta pessoal de indisciplinada docente tem sido a de seguir uma das bandeiras de luta pela educação de Célestin Freinet, que já discuti com mais propriedade em outro ensaio (FORTUNATO, 2022). Nesse referido texto defendia, ainda segundo o autor, que nas salas de aula o ideal é inverter a lógica na qual o professor trabalha mais que os estudantes. Ativos, trabalhando mais que o professor, estudantes aprendem muito mais e com mais vontade e se desafiam mais, além de, dessa forma, tornar mais instigante o (meu) próprio trabalho docente.

Assim, voltando à referida bandeira de luta pela educação de Freinet, trata-se da simples alternativa apresentada como *abaixo às aulas*. Isso quer dizer, em miúdos, que *sem aula* não temos mais transmissão ou depósitos de saberes, memorização e repetição nos testes, exames e atividades avaliativas, apatia e falta de vontade de frequentar as aulas etc. etc.

Insubmissão

[...] a criança de seis anos é “parafusada” numa cadeira dura para estudar palavrório durante horas e horas. Será por acaso que a criança em desenvolvimento, essa força da natureza, essa exploradora aventureira, é mantida imóvel, petrificada, confinada, reduzida à contemplação das paredes, enquanto o sol brilha à contemplação das paredes, enquanto o sol brilha lá fora, obrigada a prender a bexiga e os intestinos, 6 horas por dia, exceto alguns minutos de recreio, durante 7 anos ou mais? *Haverá melhor maneira de aprender a submissão?* (HARPER et al., 1987, p. 47, grifo meu).

Esta terceira e última lição cá listada leva o nome de *insubmissão*, pois contrasta com a maneira de ensinar submissão, conforme se lê na epígrafe. O trecho citado é de obra produzida por brasileiros exilados na Suíça, durante o período da ditadura (portanto de censura), o qual foi prefaciado por Paulo Freire. Na apresentação do livro, Freire escreveu coisas importantes sobre educação e escola, começando pela constatação de que a educação formal das escolas não é toda a educação, bem lembrando que a educação não é somente a transmissão dos conteúdos curriculares cobrados posteriormente em exames internos e externos.

Ainda, Paulo Freire deixou expresso que a escola é uma instituição que *está sendo*. O verbo no gerúndio demonstra movimento, mudança, adaptação. Compreender a escola requer, inexoravelmente, que se compreenda a sociedade de qual faz parte. A instituição escolar é, nas palavras de Paulo Freire, agarrada ao contexto histórico, social e político da sociedade ao seu entorno. Dessa forma, entender a escola e como se pode torna-la lugar de educação plena passa sempre pela investigação sobre o que e a quem a escola está a serviço e, ao mesmo tempo, contra que e quem a instituição *está sendo* promotora de um desserviço.

E qual o contexto que vivemos? Embora não seja de hoje, pois vimos que Marrach (1996) nos alertou na última década do século passado, o discurso neoliberal tomou conta da instituição escolar. A autora explicou que não apenas as palavras de ordem do sistema se instalaram na escola, tais como *qualidade total, modernização, produtividade, financiamento* etc., como o próprio sistema envolveu a escola como lugar de reprodução de sua lógica competitiva. Além disso, o sistema encontrou na instituição uma forma legítima de transmitir seus valores e princípios e, como metafórica cereja do bolo, tomou a escola como local ótimo para venda de seus produtos didáticos, paradidáticos, métodos de ensino e assim por diante.

Dessa forma, a escola *está sendo* uma instituição envolvida pela sociedade neoliberal. Essa sociedade preconiza o produtivismo, o individualismo, a inovação, a competição, o empreendedorismo... o que faz com que tenhamos a ideia de que o mercado é o balizador da vida. E a escola, nesse contexto, tem agido exatamente como a sociedade, exigindo que seus estudantes sejam produtivos, criativos e empreendedores, pois como não há vagas para todos nas *melhores* escolas, universidades e empresas, portanto, é preciso sempre ser melhor do que os outros.

Não obstante, embora o parágrafo anterior deixe as coisas um pouco mais às claras, confesso não ser fácil perceber essa *invasão* neoliberal no cotidiano vivido como professor formador. Isso porque as coisas parecem muito boas, a princípio, quando temos um projeto de pesquisa ou de extensão financiado externamente – tomamos isso como reflexo do nosso trabalho como instituição de excelência. Da mesma forma, quando temos a missão de designar uma bolsa a algum estudante, realizamos um processo seletivo para escolher quem for *melhor*. Isso aparece, ainda, quando somos avaliados externamente por alguma outra instituição e recebemos nota de excelência: missão cumprida, somos exemplares!

Com tudo isso posto, eis que a lição de *insubmissão* pode ser explicada. Trata-se, de imediato, de não assentir com a retórica, com os valores e princípios da instituição tomada pelo neoliberalismo, justamente por estar ciente de que isso implica uma vida de constante competição com os outros. Obviamente, como delineado anteriormente, não é tão simples ou fácil perceber esse envolvimento, pois o sistema é, a princípio, sedutor. Afinal, quem não se deleita com o reconhecimento de seu trabalho na forma de uma premiação?

Uma das medidas de *insubmissão* foi dada por Rubem Alves (1980), ao distinguir o educador do professor. Afirmou o autor que o professorado é “uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema” (ALVES, 1980, p. 15). Nesse sistema interessado, não importa quem seja o professor em determinada disciplina, desde que a disciplina aconteça; não importa a pessoa, mas o funcionamento adequado da engrenagem institucional. Dessa forma, “professores são entidades *descartáveis*, da mesma forma como há canetas descartáveis, coadores de café descartáveis, copinhos plásticos de café descartáveis” (ALVES, 1980, p. 13).

Assim como professores são descartáveis quando não já não servem mais quando não deixam de atender aos caprichos do sistema, estudantes também o são. Como números de matrícula incluídos em seu banco de dados, à instituição educacional só cabe gerenciar seu progresso nas etapas sistemáticas para conclusão de curso ou o desligamento de vínculo. Sua existência só é notada quando há algo fora do normal no percurso ou quando conquista algum tipo de premiação. Caso contrário, o estudante, assim como o professor, não são pessoas, são códigos gerenciados pelo sistema de acordo com seu bel-prazer.

Para contradizer tudo isso, sendo *insubmisso*, temos o que Rubem Alves (1980, p. 15) chamou de *educador*, que é um péssimo funcionário, pois “não segue o ritmo do mundo da instituição”. O educador que rejeita o neoliberalismo imperativo, pois promove o diálogo e se importa com o que é sensível da humanidade antes do que é corrompido pelo empreendedorismo individual de um planeta em competição, no qual não há lugar para todos. O educador rejeita a educação bancária, que serve apenas a si mesma, redundante, viciosa, mas que não estimula o conhecimento de si, dos outros e do mundo em que se vive. O educador inspira, assim como Paulo Freire tem inspirado a busca por uma outra docência, que leva a outra formação de professores. No mínimo, isso tem produzido alegria ao ensinar e aprender, e tem permitido aprender ao ensinar.

Três lições, mas muito ainda a aprender

A teoria emergia *molhada* da prática vivida (FREIRE, 2001, p. 264, grifo do próprio educador homenageado).

Este artigo começou com o propósito de contradizer algumas das balelas mais corriqueiras sobre Paulo Freire que, na posição de patrono da educação nacional, foi se tornando alvo de críticas descabidas, como se fosse o grande vilão dos péssimos investimentos na escola pública, na valorização docente e dos profissionais da educação e na infraestrutura necessária. Em seguida, depois de discorrer sobre tais engodos que maldizem Paulo Freire, foi possível partir para sua homenagem, a qual se faz por meio de uma perene gratidão pelos seus ensinamentos.

Como a escrita exige (certa) coerência, diferente do ritmo quase dançante de uma preleção, foram elencadas três lições substanciais para o exercício do ofício de professor formador de professores tomadas do educador: a inspiração, a indisciplinada e a insubmissão. Todas, *molhadas* pela consciência da vida cotidiana. Todas, em constante revisão; a docência nunca está pronta e acabada (penso eu), portanto, posso afirmar que *está sendo*.

Está sendo desafiador compreender as circunstâncias que envolvem a educação formal, as diretrizes que inibem a espontaneidade, o pensamento crítico (mesmo que se anote nos documentos que o foco seria esse) e a dinâmica da vida, que é um eterno devir. Não obstante, o desafio foi tomado como certo: é preciso outra educação, uma que não siga servindo ao que temos como modo de vida. É sempre tudo *uma correria*, sem tempo para desfrutar, sem tempo para aprender, sempre tentando empreender algo inovador para sobreviver.

E se fosse diferente? Vejo me perguntando amiúde.

Parece que não se pode parar para ao menos refletir outras formas de viver. A pandemia da covid-19 que, de certa forma, colocou a sociedade em xeque, não foi suficiente para que, ao menos, se cogitasse outra vida planetária. Tudo teve que seguir como era, nem que fosse remoto, à distância, pois, se parasse, talvez as coisas entrassem em colapso.

Mesmo assim, por que não esperar? Por que não acreditar que é possível uma educação à sombra de uma mangueira, dialogando sobre a vida, sobre os sonhos, sobre os anseios, aprendendo uns com os outros? Voltando a Paulo Freire, fico com a sensação de isso é plenamente possível.

Referências

- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Editora Cortez; Autores Associados, 1980.
- AQUINO, J. G. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 161, p. 664-692, 2016. <<https://doi.org/10.1590/198053143670>>
- CARVALHO, O. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.
- FORTUNATO, I. O trabalho na pedagogia Freinet, ou seus marcos pela renovação da educação. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 26, n. 00, e022140, 2022. <<https://doi.org/10.22633/rpge.v26i00.17299>>
- FORTUNATO, I. 2020 e a pandemia do ensino remoto. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 25, n. 2, p. 1053-1070, 2021. <<https://doi.org/10.22633/rpge.v25i2.15194>>
- FORTUNATO, I. Três saberes pedagógicos na e para a formação de professores. *In*: SHIGUNOV NETO, A.; FORTUNATO, I. (org.). **Saberes Pedagógicos: perspectivas & tendências**. São Paulo: Edições Hipótese, 2018. p. 82-96.
- FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-201, 2001. <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>>
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GOODMAN, Paul. **Compulsory Miseducation**. United Kingdom: Horizon Press, 1964.
- GREEN, E. What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)? **The London School of Economics and Political Science**, 2016. <<http://eprints.lse.ac.uk/66752/>>
- HARPER, B.; CECCON, C.; OLIVEIRA, M. D.; OLIVEIRA, R. D. **Cuidado, escola!:** desigualdade, domesticação e algumas saídas. 24. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- MARRACH, S. Neoliberalismo e educação. *In*: SILVA, C. et al. (org.). **Infância, educação e neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 42-56
- SANTOS, S. M.; NORONHA, D. P. O desempenho das universidades brasileiras em rankings internacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 186-219, 2016. <<http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245222.186-219>>